

JOAQUIM NABUCO *)

Werter Faria

Que significa para nós, discentes de uma Faculdade de Direito, a celebração do centenário de Joaquim Nabuco? Uma homenagem na qual fazemos transparecer a paixão da justiça e o amor à lei, magnetes para que converja o nosso espírito. Paladino da abolição e guarda da liberdade, Nabuco simboliza-os.

Era um foco que deslumbrando comprimia ao redor a mocidade. Cem anos decorridos do seu nascimento, ela lhe comemora a glória da existência e avança para o futuro envolvida na esteira de luz que de sua vida para sempre restou. Por êsse rasto procura a justiça e não desanima de encontrá-la.

Enquanto os israelitas demandavam Canaã, precedia-os uma nuvem que à luz se engravava e no escuro refulgia. Os instantes de sol na vida dos povos têm à frente a fumaça preta do desconhecido, mas nos momentos negros e de sofrer põe-se diante o clarão da crença. Que fé será a que suaviza o percurso interminável das gerações em busca do bem, do justo e da felicidade? É a certeza de que seguir idéias é enobrecer a vida, iluminar a história e honrar os mortos.

“Os mortos, escreveu-lhe Machado de Assis, são somente ausentes”. Da distância infinita que os separa da pátria, governam-lhe o destino; nas emprêsas supremas indicam-lhe a rota.

Quando a democracia é expulsa de um território, daqui o pensamento emigra para o alto como se fôsse acusar a perseguição e os malfeitores que repudiam as conquistas espirituais dos grandes mortos e os corações se mudam em lamparinas e ardem em protesto de devoção e fidelidade, como as dos altares acesas eternamente a Deus.

Outra solenidade não excederá, em expressão e sentido, à que recebe sua memória neste recinto, único refúgio da liberdade, único abrigo da justiça, único asilo do pensamento, quando as vagas da tirania se levantam bramindo e destroçando.

Nos assaltos que fazem à América Latina, uma por uma se quebram, como as ondas do mar enraivecidas pelos astros se destróem batendo nas rochas, se quebram de encontro à denúncia e advertência de um liberal que não se rendeu, escrita para evitar que os outros capitulem. As marés revolucionárias que afogam a cultura e

*) Oração proferida em nome do Centro André da Rocha, na solenidade universitária em homenagem ao excelso brasileiro.

o progresso moral dos países do Novo Mundo, são originadas por uma força desencadeada dos próprios sistemas constitucionais, porque só os pode “tolerar uma nação como a norte-americana, cuja opinião é uma força que levaria de vencida qualquer governo, cujos partidos são exércitos que dentro de horas se levantariam armados sob o comando de seus chefes”.

Os homens se repartem por duas áreas inimigas: a do idealismo e a do interesse. Nesta jamais Nabuco penetrou.

Vindo do patriciado, ombreou com as classes desvalidas; eleito da superioridade, transformou o talento em lenitivo dos padecimentos do negro e do explorado. Cometeu o heroísmo, repito o termo de Graça Aranha, de separar-se da sua casta. “Ele se antecipou à luta em que ainda hoje nos encontramos todos os que dentro de programas políticos diversos, e até de partidos antagônicos, proclama Gilberto Freyre, combatemos o que continua a haver na economia brasileira — hoje nas grandes indústrias artificiais mais do que nos restos já meio frios dos grandes domínios agrários — de arcaica ou de renovadamente feudal; de exploração do homem pelo homem; de sujeição dos que trabalham aos que simplesmente jogam e dançam”.

Propagador de idéias, por elas bateu-se com a força de sua mesma invencibilidade. “Sou homem de uma só idéia (a abolição), mas não me envergonho dessa estreiteza mental porque essa idéia é o centro e a circunferência do progresso brasileiro”.

Mas não — perfilhou Nabuco o federalismo, assemelhando a libertação das províncias à libertação dos cativos.

Como político foi sobretudo um reformador social. Submetido à gravidade do seu próprio espírito e à inspiração do altruísmo, o libertador dos escravos foi um refém da liberdade. Não se atemorizava das opiniões que lhe queriam paralisar a atuação democrática e, corajosamente, expressou que não se arreceava de “destruir a propriedade fazendo com que ela não seja um monopólio e generalizando-a porque onde há grande número de pequenos proprietários a propriedade está mais firme e sólidamente fundada do que por leis injustas onde ela é o privilégio de muito poucos”.

Semelhante a uma profecia sobre a escravidão vermelha, escreveu na sua vida: “entendo ainda, hoje mais do que nunca, depois da esplêndida experiência do pontificado de Leão XIII, que a Igreja tem tudo a ganhar com a liberdade e que o futuro do mundo pode pertencer à aliança, já selada no atual pontificado, da Igreja Católica com a democracia”.

Como diplomata foi o artífice da fraternidade americana.

Advogado do Brasil na questão de limites com a Guiana Inglesa, redigiu o direito vertido em memórias e, se não convenceu o real julgador, a maior expressão da inteligência e do saber nacionais, Ruy, achou, pela posteridade, *incomparável* o seu trabalho.

Sendo a história, julga José Verissimo, "de todos os gêneros literários o que mais se entende com a política, elegeu-a e publicou UM ESTADISTA DO IMPÉRIO, vida de seu pai e reconstituição inigualável de 65 anos de história.

Incluindo a atividade diplomática à difusão da cultura do país representado, falou nas universidades norte-americanas no estilo que Olavo Bilac chama de "modelo de concisão e clareza".

Orador, só não se mede com Ruy Barbosa. "Equilibrado e harmonioso, anota Fernando de Azevedo, ... tem a eloquência do pensador, disciplinada pela razão, mas, animada da generosa franqueza de uma inspiração larga e fecunda, ultrapassava pela cabeça e pelos ombros a multidão de oradores de sua época, utilizando na tribuna esse mesmo estilo natural e preciso, de uma admirável nitidez que é um dos encantos de sua obra de historiador".

Joaquim Nabuco fôra talhado para líder e escolhido para vingar-se da morte e a castigar com sua própria imortalidade!

"Na angústia em que nós hoje interrogamos o destino, ou um dia Graça Aranha, é para o seu espírito que nos voltamos"...

A civilização forma novos senhores e a necessidade produz escravos. O monopólio contrasta com a democracia. Os direitos do futuro se defrontam com prerrogativas arcaicas.

A mesma palavra que os teus lábios santificaram e com que abriste as senzalas — liberdade —, se avilta na bôca dos demagogos e mistificadores e escraviza nações.

Aonde vamos? Aonde vamos?

É a pergunta que te fazemos, como se consultássemos uma estrêla desorientados na imensidão da noite.

REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

DECADÊNCIA E GRANDEZA DA DEMOCRACIA

Darcy Azambuja — P. Alegre — 1945

O professor Darcy Azambuja, jurista e escritor de escol, publicou, em 1945, "Decadência e Grandeza da Democracia", um belo livro em que se espelham as reflexões do estudioso e do homem de pensamento sobre a crise política do após-guerra. Observando as bruscas transformações do nosso tempo, o autor confronta o período de esplendor da democracia com o período atual em que o regime que organiza a liberdade, sofre tantos embates e sente periclitar, às vèzes, a própria estrutura do seu imponente edifício.

Todos os problemas fundamentais que a organização democrática do Estado suscita, são estudados pelo ilustre professor, isto é, as formas de govêrno, as relações entre o Estado e o indivíduo, a eleição, o problema da representação profissional, etc.

O que conforta, afinal, ressaltando sobre a erudição e o agudo espírito de observação do autor, é a sua tranqüila confiança no regime democrático, única forma compatível com a dignidade do homem e a única que realiza o equilíbrio entre a autoridade e a liberdade.

* * *

DIREITO PROCESSUAL CIVIL

João Bonumá — S. Paulo — 1946

O tratado, cujo nome encima esta nota e da autoria do ilustre professor João Bonumá, catedrático de Direito Processual Civil da Faculdade de Direito da Universidade do R. G. do Sul, é um dos mais completos com que conta a literatura jurídica do país.